

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com atletas brasileiros do PAN

Palácio do Planalto, 03 de agosto de 2007

Eu quero, primeiro, cumprimentar os nossos atletas, aqueles que ganharam medalhas e aqueles que tentaram, mas não conseguiram ganhar, e que, certamente, ganharão na próxima Olimpíada ou no próximo Pan-Americano,

Quero cumprimentar o Nuzman,

Cumprimentar o Tarso Genro,

O Patrus,

O Orlando Silva,

A Marta Suplicy e a Matilde, que são nossas ministras,

Quero cumprimentar os deputados aqui presentes,

O senador Raupp,

Quero cumprimentar o nosso querido Lima Neto, presidente do Banco do Brasil,

A Clarisse, da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o companheiro Carlos Henrique, dos Correios,

Quero cumprimentar o nosso querido Luiz Fernando, esse senhor que está aqui, já meio calvo, perto de vocês. Fique em pé, Luiz Fernando. É o homem que o ministro Tarso Genro designou não apenas para cuidar da segurança do PAN, mas para fazer uma experiência de segurança que vai ficar no Rio de Janeiro, ou seja, a partir da experiência bem-sucedida do Rio de Janeiro, nós temos o modelo para ser aplicado em outras regiões metropolitanas brasileiras que têm problemas de violência. E eu penso que o Luiz Fernando montou uma equipe que hoje tem *know-how* para ensinar e para implantar outros estados brasileiros.

Eu queria dizer, Nuzman, que esse PAN foi um desafio para nós. Vocês são muito jovens e sabem que no Brasil existe muito o hábito de dizer que se gasta dinheiro em coisas que não são prioritárias. Então, no Brasil, você vai

fazer um Pan-Americano e as pessoas dizem: “Nossa, você vai gastar 2 bilhões para fazer o PAN, 3 bilhões, poderia fazer casa popular, poderia fazer escolas”. Há sempre um argumento para evitar que você faça o que é melhor para cada momento em que você tem que fazer alguma coisa.

Eu tinha consciência de que nós precisaríamos dar uma demonstração ao mundo de que o Brasil não pode, não deve e não quer mais ser tratado como se fosse um país colonizado, um país que não tem autonomia, um país que não tem ousadia, um país que não tem independência para fazer as suas coisas, porque está sempre preocupado com alguém que vai criticar.

Vocês estão lembrados que, poucos meses antes do PAN, alguém dizia: “Gastou 10 vezes mais do que deveria ter gasto”. Outro dizia: “Mas o Congresso vai querer investigar”. A primeira atitude que nós tomamos foi mandar o Orlando para o Congresso para dar os esclarecimentos que devesse dar. E, agora, aqueles que duvidam ou que duvidaram, podem fazer as investigações, porque as instalações estão lá. O que nós não abrimos mão, e não abriremos em outras coisas que tivermos que financiar no Brasil, é da qualidade. Era preciso mostrar ao mundo que este País vai se transformar, nas próximas décadas, numa potência olímpica. E vai se transformar porque é uma questão de crença, é uma questão de investimento, é uma questão de opção.

Qual é a explicação que nós temos para um país que tem o PIB que tem o Brasil, para um país que tem 190 milhões de habitantes e, em todos os jogos Pan-Americanos e Olimpíadas, ver um país com 11 milhões de habitantes, como Cuba, ser uma potência olímpica, e nós não sermos uma potência olímpica. Obviamente que o governo cubano, em algum momento, fez uma opção de investimento numa coisa sagrada que está ligada ao esporte, que foi a educação, que foi a saúde, que foi a formação da sua juventude e, há muitas décadas, os cubanos colhem aquilo que plantaram. Aqui, no Brasil, vamos ser francos, o Estado brasileiro, a começar pelo governo federal, governos estaduais e prefeituras, nós nunca colocamos o esporte como política pública de Estado. Nunca. A gente fica à mercê dos heróis que surgem do anonimato: é o Ademar Ferreira, na década de 50; é o João do Pulo, na década de 70; é não sei quem, na década de 80. Até que começamos a ter os nossos profissionais do vôlei trabalhando de forma mais organizada e virando o que viraram hoje. Mas, no fundo, no fundo, o Estado brasileiro, durante muito

tempo, não deu a menor importância para o esporte neste País. E vou dizer mais, o Bernardo foi ministro do Esporte, quando se colocava um ministro do Esporte, o que se discutia era futebol.

O que nós temos que pensar? Vejam, um jogador de vôlei que vai para a Seleção Brasileira já tem meio caminho andado para assegurar sua vida profissional. Daqui a pouco já tem um olheiro italiano, um olheiro espanhol, um olheiro francês, um olheiro não sei de onde, ele já pode sair até com um contrato para jogar no exterior. Um jogador de futebol não precisa nem ser muito bom, basta que marque um gol e já tem o Barcelona, o Milan, o Real Madrid olhando para levá-lo. E não falta patrocinador.

Agora, quando um menino resolve fazer ginástica, resolve fazer atletismo, quando uma menina resolve fazer ginástica, eu vi umas meninas fazerem na piscina, você não percebe a vontade de alguém patrocinar aquilo, que fica muito no ponto de vista do esforço pessoal. Se a família tem um pouco de dinheiro para garantir que o jovem não precise trabalhar e faça a sua prática esportiva, maravilhoso. Mas, se não tem, ele deixou de ser um atleta, não é, Popó? Se não fosse o esforço pessoal do Popó, como é que ele seria tetracampeão de boxe?

Bem, no caso do esporte, Nuzman, eu disse ao Agnelo, no segundo ano de governo, que era preciso que a gente trabalhasse para transformar a cara do nosso País. Então, vejam que nós estamos nos preparando para uma Olimpíada em Pequim. Em 2016, nós precisamos brigar para trazer a Olimpíada para cá. Nós vamos disputar com gente grande, nós vamos disputar com a cidade de Boston, Chicago, nós vamos disputar não sei se com Madrid, vamos disputar com Tóquio. E nós temos um campeonato difícil, porque normalmente eles nos olham como países de Terceiro Mundo e, pelo fato de sermos países de Terceiro Mundo, eles subentendem que nós não temos condições. E, aí, nós vamos disputar com Madrid, com Londres, com Tóquio, com Paris, com não sei quem e nós já começamos perdendo de 10 a 0.

O compromisso, Nuzman, que eu quero assumir com o esporte brasileiro é que daqui para a frente a minha agenda internacional é muito grande, eu estou viajando domingo para cinco países da América Central. Em setembro, estarei viajando para cinco países, quatro países nórdicos e, depois, a Espanha. Depois, no ano que vem, tem mais uma série de viagens. Você pode

me ter como caixeiro viajante para convencer os países a apoiarem o Brasil e discutir com eles em pé de igualdade, porque eles começam a discutir com a gente com o nariz empinado, achando que podem mais e que nós podemos menos.

Um outro compromisso que eu quero assumir, Nuzman, é o seguinte: nós temos, aqui, um grupo de atletas, alguns deles já estão garantidos para Pequim, outros vão ter que disputar ainda o seu espaço. É preciso que a gente faça uma lista dos nossos atletas que podem ir a Pequim, uma lista daqueles que não têm patrocínio, porque as pessoas, no Brasil, lamentavelmente, é assim: só tem patrocínio quando dão lucro para a empresa que os patrocina, ou seja, não existe uma vocação de apoiar aquele que não dá lucro, e nem todo esporte dá lucro, em muitos casos é o esforço pessoal do atleta. Para que a gente comece a ir juntando, Nuzman, primeiro as empresas que já foram ditas aqui: Banco do Brasil, que já tem experiência; Correios, que já têm experiência; Caixa Econômica Federal, que já tem experiência; o Sistema Eletrobrás, outras empresas públicas mas, sobretudo, Nuzman, fazer um chamamento aos empresários brasileiros, a todos os empresários, sobretudo os grandes empresários, e convocá-los a serem parceiros no patrocínio dos atletas para dar condições de prepará-los para chegarem em Pequim em condições de ganhar alguma coisa.

A Caixa Econômica já faz e pode fazer mais. Não pode, Clarice? Lógico que pode. O Banco do Brasil já faz, pode fazer um pouco mais. Os Correios já fazem, podem fazer um pouco mais, e todos podem fazer um pouco mais. Porque a gente só se dá conta da importância de vocês quando vocês ganham a medalha de ouro e ouvimos o Hino Nacional. Mas a maioria não ganhou medalha, saiu, nem esperou terminar, foi embora. Mas esse menino que não ganhou medalha, ou essa menina, podem, se tiverem chance de se preparar melhor, ser um outro que vai ganhar medalha no próximo Pan-Americano, no próximo campeonato mundial ou na Olimpíada.

Então nós, Nuzman, queremos assumir o compromisso de que o governo vai fazer. Se vocês tiverem a oportunidade de ver o primeiro gol do Falcão na Medalha de Ouro do Futsal, só aquilo valia um incentivo especial do Banco do Brasil. Vejam o Thiago, eu não consigo dar cinco braçadas numa piscina por causa da minha bursite e esse rapaz ganha seis medalhas de ouro.

Seis medalhas de ouro! Ou seja, ele não deve fazer nada na vida, só nadar, porque não é possível alguém ganhar tantas medalhas de ouro.

Então, eu queria assumir esse compromisso com vocês. Nós lançamos, esses dias, o Plano de Desenvolvimento da Educação, vai ser uma pequena revolução na educação brasileira; nós vamos reforçar o Programa Segundo Tempo, que é uma forma de pegar as crianças pobres que estudam de manhã para fazerem esporte à tarde, e as que estudam à tarde, fazerem esporte de manhã. Nós, até 2010, estaremos com mais 160 escolas técnicas funcionando no Brasil e teremos mais de 40 universidades novas, espalhadas por todo o território nacional. Isso significa oportunidades extraordinárias para que a gente, próximo de cada campus universitário, tenha a possibilidade de permitir a prática esportiva de que tanto as pessoas precisam para se tornarem campeãs e alguma coisa para simbolizar a imagem do nosso País lá fora.

Portanto, eu queria, de coração, agradecer o desempenho. Mas, muito mais que o desempenho, eu acho que tudo o que vocês fizeram não daria certo se não tivesse a boa segurança, se não tivesse os voluntários, se não tivesse os trabalhadores que limpavam aquilo lá, se não tivesse a segurança funcionando. Eu acho que foi um conjunto de coisas que nós conseguimos ultrapassar, Nuzman, que fez a gente chegar onde chegou.

E posso dizer para vocês que tinha gente que não estava gostando do nosso sucesso, não. Tinha brasileiros que achavam: “Ah, nós não ganhamos tanta medalha assim, isso não quer dizer nada”. Ou seja, um certo menosprezo pelas coisas boas que nós fomos capazes de fazer.

O compromisso, então, Nuzman, é de que a gente vai fazer muito mais. Se, no primeiro mandato, nós conseguimos fazer tudo que nós fizemos, nós temos obrigação de fazer muito mais no segundo mandato. Podem ficar tranquilos, que junto com o pessoal do COB – pode ficar tranquilo, Bernardo – nós vamos fazer muito mais. Nós aprendemos com o PAN, aprendemos com as leis que fizemos com o apoio do Congresso Nacional. E nós, agora, temos também *know-how* para imprimir no País um outro ritmo de investimento ao esporte brasileiro. Cada centavo de real que nós colocarmos no esporte, será um centavo de real a menos que a gente vai colocar na segurança pública deste País. Nós temos claro isso e vocês são os exemplos mais importantes.

E, por último, Nuzman, dizer que deveria ter tido uma medalha para o

uniforme, porque, olhe, desta vez, o uniforme brasileiro foi de “matar a pau”, merecia, na verdade, uma medalha de ouro. Vocês pensam que, a gente que está na frente da telinha, vendo vocês... Eu, cada vez que viajo e toca o Hino Nacional, eu não choro para a imprensa não me fotografar chorando, mas fico emocionado. E eu vejo, na cara de vocês, a emoção, cada vez que aquela bandeira começa a subir e começa a tocar o Hino Nacional. Aquilo deve ser a glória máxima de um atleta. Se aqui, no Brasil, é importante, imagine, então, quando é no estrangeiro. Então, nós vamos preparar as nossas emoções para Pequim. Da parte do governo, nós faremos o possível e o impossível para que a gente possa levar mais atletas, atletas em mais condições, e prepará-los para conquistar aquilo de que o Brasil tanto precisa, não apenas de medalhas, mas, sobretudo, de auto-estima.

Parabéns, meus queridos atletas, parabéns à direção, parabéns aos presidentes das federações. Que vocês nos tenham como parceiros nessa luta para as Olimpíadas.